

Editorial

O analista em formação

Da intimidade do privado à expressão no público

Quando penso nos meus três filhos, não vejo apenas o rosto de cada um, mas também as diferentes impressões que causam em mim. Essa impressão, que é inalterável, é o que os meus filhos “são” para mim.

E aquilo que “são” existiu desde o primeiro dia em que os vi. Na época não eram capazes de fazer nada, e o pouco que conseguiam fazer, como mamar no peito, erguer os braços por simples reflexo, olhar ao redor, imitar, podiam todos fazer, de maneira que aquilo que “são” não tem nada a ver com essas características, não tem nada a ver com o que podem ou não fazer, mas antes com uma espécie de luz que brilha em cada um deles.

(Karl Ove Knausgård)

As dimensões privada e pública da existência abrem caminho para a discussão de aspectos complexos – e contraditórios, ou conflituosos – de ser pessoa humana. A observação dos exemplares do filo Chordata revela, em todas as classes, ordens, famílias, gêneros e espécies, aqueles que se organizam coletivamente, como as hienas, as sardinhas e os chimpanzés; e também aqueles solitários, que se encontram oportunamente para o acasalamento, para em seguida se separar, como o tubarão branco, os leopardos e os ursos, ambas as organizações estratégias de sobrevivência. Ao longo de sua evolução, o *Homo sapiens* encontrou refúgio, força e sucesso na implacável seleção natural através do agrupamento. Não sobrevivemos uns sem os outros.

Isso também passou a ser verdadeiro na dimensão psíquica da existência humana. Muito mais do que um animal que se especializa individualmente e colabora com seus outros exemplares pela troca do produto de seu conhecimento, dependemos do outro para o desenvolvimento da capacidade que nos faz únicos entre todos os seres

vivos: o universo psíquico, abstrato e simbólico, que busca e concede sentido à experiência de ser. Existimos no universo concreto, no mundo da coisa física, e existimos no universo intangível, no mundo das representações e dos símbolos.¹ O mundo do “isso representa aquilo”, que começa como uma estratégia de sobrevivência altamente complexa (a construção de ferramentas, por exemplo, que fazem as vezes de atributos naturais de espécies predadoras, como a lança no lugar das garras de um tigre-dentes-de-sabre), desdobra-se e espirala para a encantadora maravilha que é a existência simbólica do eu e do outro, em todas as suas estratégias criativas para sobreviver no mundo psíquico: “isso que fiz representa o que sou, isso que fiz representa meu amor por você, isso que fiz representa minha passagem pela existência”.

Por um lado, o indivíduo parece precisar e querer, com força e intenção, pertencer ao grupo, conhecer e reproduzir os códigos e comportamentos que lhe permitem ser reconhecido como um igual, fazendo com que sejamos, em diversos aspectos, muito parecidos uns com os outros. Mas também parece precisar e desejar ser único, apartado de todos os outros, especial – fazendo com que sejamos, em diversos aspectos, muito diferentes uns dos outros. No universo privado somos únicos; na intimidade de nosso mundo interno, muitos de nós dão-se conta da essencial impossibilidade de compartilharmos com o grupo aquilo que realmente somos. Um pouco é possível; para o profundo da existência, não há palavras. Ou olhares, ou gestos, que deem conta da totalidade da experiência de ser si mesmo. No grupo, aparentemente somos todos um tanto semelhantes: temos uma média de altura, há pouca variação em como nos apresentamos, dois braços, duas pernas, uma cabeça; os sorrisos revelam abertura, convite, simpatia, humor, os cenhos franzidos revelam concentração, irritação, raiva, frustração. Para olhos atentos, entretanto, mesmo na multidão, pode-se perceber “uma espécie de luz” que brilha em cada indivíduo, carregando em silêncio sua natureza, compartilhada e única.

1 Existimos, também, no universo do irrepresentável. Ou, ainda, há ali algo que também é quem somos, e que existe à parte da simbolização.

Essas duas dimensões de nossa existência, a privada e a pública, ambas fundamentais, entram constantemente em conflito: não é trabalho simples estabelecer um equilíbrio entre elas. Uma rouba da outra o espaço que lhe é devido. Em “Psicologia das massas e análise do eu” (1921/2011), Freud afirma que

as relações do indivíduo com seus pais e irmãos, com o objeto de seu amor, com seu professor e seu médico, isto é, todas as relações que até agora foram objeto privilegiado da pesquisa psicanalítica, podem reivindicar ser apreciadas como fenômenos sociais, colocando-se em oposição a outros processos, que denominamos *narcísicos*, nos quais a satisfação dos instintos escapa à influência de outras pessoas ou a elas renuncia (p. 14),

ressaltando a oposição entre “atos psíquicos sociais e narcísicos”. Se Eros, que “mantém unido tudo o que há no mundo” (p. 45), é o encarregado do estabelecimento, da união e da força dos laços grupais, quando assim o faz resta ao narcisismo o desinvestimento libidinal. Em *Cogitações* (1958-1979/2014, pp. 111-112), Bion reflete sobre “Os instintos e suas vicissitudes” (Freud, 1915/1996), afirmando que, em sua compreensão, é mais frutífero pensar em um conflito pulsional entre “narcisismo” e “socialismo” do que aquele proposto por Freud, entre “os instintos do *ego*, *autopreservativos*, e os instintos sexuais” (Freud, 1915/1996, p. 144). Considera que narcisismo e socialismo estão “em polos opostos” (Bion, 1965/2004, p. 94): o aumento na intensidade de um implica a diminuição na intensidade do outro, e vice-versa. Discute:

Essa bi-polaridade dos instintos refere-se à sua operação como elementos na satisfação da vida do indivíduo enquanto indivíduo, e como elementos em sua vida enquanto ser social ou, como Aristóteles o descreveria, como um “animal político”. A menção exclusiva [por parte de Freud] à sexualidade ignora o fato marcante de que o indivíduo tem um problema ainda mais perigoso a resolver no manejo de seus impulsos agressivos, os quais, graças a essa bi-polaridade, podem

lhe impor a necessidade de lutar por seu grupo, com a possibilidade essencial de sua própria morte, ao mesmo tempo em que também lhe impõem a necessidade de agir em favor de sua sobrevivência. Não há necessidade de conflito, mas a experiência mostra que, na prática, esse conflito existe – não entre sexualidade e instintos do ego, mas sim entre seu narcisismo e seu socialismo, e esse conflito pode se manifestar independentemente de quais instintos estejam dominantes no momento.² (1958-1979/2014, p. 111)

Bion adiciona ao contexto o elemento da agressividade, ressaltando como os dilemas de escolha entre as prerrogativas do indivíduo ou o pertencimento ao grupo podem acarretar consequências mortíferas – tanto físicas quanto psíquicas. São tendências, assim, por ora carregadas de amor e erotismo, por ora de agressividade e ameaça, polos organizadores das grandes pulsões.

Constatamos que, desde o início de sua existência e por toda ela, o indivíduo trabalha arduamente para conquistar as aquisições psíquicas que lhe possibilitam ser único e também um semelhante, idealmente preservando tanto a existência individual quanto a coletiva. E esse trabalho formativo sem fim, repetido em tantos aspectos da existência, também acontece na formação psicanalítica. Para tornar-se psicanalista, nossa Sociedade de Psicanálise, o grande grupo, propõe, de saída, um intenso mergulho em si mesmo através do contato com um único outro, o analista. Gradualmente, exige do membro filiado uma abertura cada vez mais desafiadora diante de seus pares, contando para isso com as ferramentas construídas em seu trabalho de análise. Penso ser especialmente significativo que nossa

2 *This bi-polarity of the instincts refers to their operation as elements in the fulfilment of the individual's life as an individual, and as elements in his life as a social or, as Aristotle would describe it, as a 'political animal'. The exclusive mention of sexuality ignores the striking fact that the individual has an even more dangerous problem to solve in the operation of his aggressive impulses, which, thanks to this bi-polarity, may impose on him the need to fight for his group with the essential possibility of his death, while it also imposes on him the need for action in the interests of his survival. There need be no conflict, but experience shows that in fact there is such a conflict – not between sexuality and ego instincts, but rather between his narcissism and his socialism, and this conflict may manifest itself no matter what the instincts are that are dominant at the time.* (Tradução livre da autora)

formação assim o exija, justamente porque a solidez da construção individual tende a preparar o indivíduo para as ameaças grupais. Uma análise profunda e consistente favorece a existência do indivíduo em sua singularidade em meio à natural pressão grupal para que nos tornemos todos uma coisa só, tornando-nos capazes de nos conectar com os outros, nossos pares, estabelecer diálogo enriquecedor e troca sincera, buscar nossas semelhanças, mas sem perder o exercício crítico da própria especificidade individual. Ao mesmo tempo, capazes de pertencer ao grupo sem que cresça em demasia o sentimento de ameaça e persecutoriedade, sabendo reconhecer as vantagens do agrupamento, a força que conquistamos em número, o respeito pela maioria, porém, sem aniquilação da minoria; o respeito pelos mais antigos que trazem experiência, pelos mais jovens que trazem frescor, uma vez que a história nos conta, repetidas vezes, que um único indivíduo é capaz de destruir um grupo desde dentro – ou descaracterizá-lo a ponto de tornar-se irreconhecível em seus valores fundamentais. Em suma, acredito que a análise pessoal traz refinamento à nossa capacidade de ser um e de sermos muitos, simultaneamente, sem que um aspecto necessite estabelecer dominância estática sobre o outro, de elevar nossa capacidade de respeitar a existência individual e a grupal, ambas fundamentais ao *Homo sapiens* desde nossas mais remotas origens.

Inserido nessa tensão entre o privado e o público, quais desafios se apresentam para o analista em formação? E o que dizer do endereçamento ao grande grupo social, para além dos muros da Instituição? Atualmente somos desafiados pelo universo digital, da informação rápida e em profusão e, justamente por isso, muitas vezes superficial e imprecisa. Como nos conduzir quando somos convocados a existir nesse universo de curtos tweets, stories e reels? E como dialogar com outras áreas do saber, da ciência, da cultura, buscando linguagem acessível, sem comprometer a complexidade de nossa compreensão do mundo? O tema deste número do *Jornal de Psicanálise* propôs a reflexão da dualidade entre o público e o privado no contexto da formação do analista. É, como parece claro, um conflito que faz sua

exigência em inúmeros aspectos para além e aquém deste. Esperamos que as reflexões aqui apresentadas contribuam para sua administração dentro de cada um de nossos membros filiados, enquanto atravessam os desafios de sua formação, ensejando reflexão e expansão de questão tão complexa.

Os artigos temáticos de Cássia Teixeira Assef, Vera Lamanno-Adamo, Berta Hoffmann Azevedo, Gizela Turkiewicz, Helena Cunha di Ciero e Patricia dos Santos Coppola trazem valiosas reflexões sobre o tema proposto nesta edição, partindo de vértices diversos – desde o mais pessoal a questões da coletividade.

Os artigos de tema livre, de Eduardo Zaidan e Pedro Belarmino Garrido, mergulham na metapsicologia freudiana e na pesquisa psicanalítica do campo dos transtornos alimentares.

Publicamos também, nesse primeiro volume do ano de 2025, como é nossa tradição, a Aula Inaugural do Instituto de Psicanálise Durval Marcondes, ministrada por nossos colegas Celia Fix Korbivcher e Rodrigo Lage Leite, que expandem e enriquecem o tema desta edição.

Também mantemos a tradicional seção da Associação dos Membros Filiados (AMF), oferecendo um espaço aberto para a livre comunicação de suas ideias.

Este ano de 2025 marca o aniversário de 100 anos do modelo Eitingon de formação, adotado em nossa Sociedade. Pensamos ser oportuno que nossos membros filiados o conheçam melhor, assim como os dois outros grandes modelos de formação que predominam nas sociedades componentes da IPA. Brindamos os leitores com textos originais e preciosos, de Robert Hinshelwood (sobre o modelo Eitingon), Bernard Chervet (sobre o modelo francês) e Marina Altmann de Litvan (sobre o modelo uruguaio de formação). Para expandir o tema, também trazemos a tradução de um texto inédito em português, de Michael Schröter, publicado em 2002 no *International Journal of Psychoanalysis*.

Inauguramos uma nova seção, “Textos seminais da psicanálise”, visando estimular a leitura e a familiaridade com grandes obras

psicanalíticas, através das reflexões oferecidas por nossos convidados, membros expressivos de nossa Sociedade. Propusemos aos autores que selecionassem, de forma livre, seus “textos seminais”, aqueles que consideram de conhecimento fundamental a qualquer psicanalista e também uma forte influência em seu pensamento e trabalho clínico. Escolheram livremente, também, a forma de lhes dar enfoque. Ana Maria Andrade de Azevedo aproveita a oportunidade para refletir sobre sua própria formação, a partir da proposta do tema desta edição, alinhando sua experiência com importantes artigos de Freud: “Recordar, repetir e elaborar” (1914), “Construções em análise” (1937) e “Além do princípio do prazer” (1920). Já Julio Frochtengarten escreve sobre o livro *Transformações* (1965), de Bion, na impossibilidade em escolher um único capítulo: um grande marco e divisor de águas tanto da teoria bioniana quanto da teoria psicanalítica como um todo.

Em “História da Psicanálise”, Deocleciano Bendocchi Alves homenageia Frank Julian Philips, um dos fundadores de nossa Sociedade, compartilhando a transcrição da última conferência ministrada por ele a um pequeno grupo de psicanalistas, registro pouco conhecido e expressivo do pensamento teórico e clínico de Philips.

Este número inaugura nossa editoria no *Jornal de Psicanálise*. O objetivo primeiro é oferecer auxílio à formação de nossos membros filiados – que sua leitura os enriqueça, estimulando-os tanto a ler quanto a escrever, e a conhecer o trabalho de grandes autores da psicanálise, de nossos membros e seu pensamento, e a se aproximar do grupo que os recebe com gosto e interesse, curioso por também conhecê-los. Esperamos ainda que os membros associados e efetivos de nossa Sociedade, sempre em processo formativo, também tirem proveito deste número. É nosso desejo que, ao longo de seu caminho, nossos membros em formação encontrem e compartilhem a luz própria analítica que certamente habita em cada um.

Referências

- Bion, W. F. (2004). *Transformações*. Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. F. (2014). *Cogitations*. Karnac. (Trabalho original publicado em 1958-1979)
- Freud, S. (1996). Os instintos e suas vicissitudes. In S. Freud, *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14, pp. 137-162). Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. *Freud (1920-1923). Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 15, pp. 13-113). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Knausgård, K. O. (2014). *Um outro amor: minha luta 2*. Companhia das Letras.



Editora

marianaalimies@gmail.com

DOI: 10.5935/0103-5835.v58n108.01